

ARTES PLÁSTICAS

Fiaminghi faz cromatismo sem apelação

Exposição de 13 telas inéditas na Galeria São Paulo mostra que pintor erra quando desenho manda nas cores



'Corluz 9410', de Fiaminghi, exposta na Galeria São Paulo

DANIEL PIZA
Da Reportagem Local

Exposição: Corluz 1995
Artista: Fiaminghi
Onde: Galeria São Paulo (r. Estados Unidos, 1.456, tel. 011/852-8855, Jardins, zona sul de São Paulo)
Quando: abertura hoje, às 21h; até 5 de junho
Visitação: de segunda a domingo, das 10h às 22h
Preço: R\$ 5.000 (cada tela)

Até os fregueses de vernissages vão se impressionar, entre uma bandeja de vinho branco e outra, com as cores "intensas" da pintura de Fiaminghi que a Galeria São Paulo mostra a partir de hoje.

Não é à toa que elas fazem parte da série que se chama "Corluz". Ganham sua vibração das tintas sobrepostas e pinceladas curtas aplicadas — a óleo, nestas 13 pinturas inéditas — por ele.

Mas não se deixe embriagar. Há mais do que cores vibrantes aí. A pintura de Fiaminghi nasce do casamento da intensidade das cores com sua disposição estruturada.

Traduzindo: Fiaminghi parece

buscar o meio-termo entre o informalismo, a pintura de formas livres, e o construtivismo, em que existe uma estrutura definida antes da aplicação das cores.

Ele veio do construtivismo. Nascido em 1920, começou estudando artes gráficas e, entre 1955 e 1960, participou do Grupo Ruptura, ao lado de Waldemar Cordeiro, Maurício Fejer e outros concretistas de São Paulo.

Fez naquela década importantes trabalhos de pesquisa visual como a série "Virtual", próxima da op art, em que a pintura brinca com o olho, confundindo figura e fundo, provocando uma ilusão de movimento na geometria da tela.

Depois Fiaminghi passou a usar a cor como instrumento dessa confusão de planos, contrapondo as complementares, como verde e magenta, às primárias, como amarelo e azul, o que se vê na galeria.

As tintas superpostas e justapostas, mais a alternância das figuras (triângulos ou semicírculos variando ao longo de linhas verticais), são a estratégia: organizam a luz,

criam uma intensidade equilibrada. Fazem um cromatismo sem apelo.

Mas é um desafio e tanto; logo, produz resultados irregulares. Das 13 telas expostas, não mais que três são totalmente satisfatórias.

O resto delas padece, especialmente, de um desenho muito marcado e rudimentar, como as de bolotas bicolores flutuando numa estrutura bem-comportada. Quando o estilo tende ao formalismo, as cores se tornam acessórias.

Mas algumas valem a visita (e o dinheiro: R\$ 5.000 é bem menos que muito borra-tintas estreado tem cobrado por aqui). Em "Corluz 9204", a cor de mamão atravessa o fundo verde como se fosse um ideograma chinês, o qual poderia significar "outono".

Outra notável é "Corluz 9410", em que triângulos em três tons próximos (vermelho, carmim e laranja) balançam sobre o fundo azul como bandeirinhas de Volpi na horizontal; parecem até girar. Há profundidade sem uso de perspectiva. Mesmo que tanta sutileza não combine com canapé murcho.



Fiaminghi no ateliê em SP

TEATRO/CRÍTICA

'Casa de Orates' extrai humor do bater de portas

NELSON DE SÁ
Da Reportagem Local

Um autor que sabe fazer com que os personagens entrem e saiam.

Foi assim que Artur Azevedo se autodescreveu, em artigo de "A Notícia", poucos anos depois de escrever "Casa de Orates" com o irmão, Aluísio Azevedo. Era uma brincadeira do autor da obra-prima "O Mambembe" com a sua capacidade de tirar graça do interminável bater de portas das comédias.

Uma capacidade de "interessar o público e alegrá-lo, o que é mais difícil do que aborrecê-lo" — como ele escreveu com ironia carac-

terística no mesmo artigo, reproduzido no "Teatro de Artur de Azevedo", editado por Antônio Martins de Araújo, em 1983. Para quem andou aborrecido com o teatro, e não foram poucos os aborrecimentos nestas últimas décadas, nada melhor do que Artur Azevedo.

"Casa de Orates", com o seu hilariante bater de portas, com a sua comédia de erros, está agora em cartaz no Teatro Aliança Francesa em espetáculo encenado por Brian Penido. Quem assistiu "O Noviço", de Martins Pena, também encenado por Brian Penido, um ano atrás, vai perceber uma montagem de maior cuidado na produção e uma montagem, sobre-

tudo, de maior desenvolvimento na interpretação — isso apesar do elenco carregado de atores jovens.

Começando da produção, o cenário de "Casa de Orates" foi buscar para o palco uma imagem que é a própria essência do teatro de Artur Azevedo.

O dramaturgo que sabe fazer com que os personagens entrem e saiam ganhou uma cenografia toda ela de portas, de início três portas, depois desdobrando-se em sete, conforme a confusão se amplia. Uma cenografia engenhosa e realizada, se não com os recursos que exigiria, ao menos com cuidado.

Uma cenografia engenhosa para a engenhosa trama de Artur e Aluísio Azevedo, sobre a confusão

crescente em torno da escolha de um marido para Júlia, a filha de um certo comendador Manuel e de Sinhazinha Mariana.

O comendador quer um homem de saúde perfeita, sua mulher quer um homem rico, e um terceiro pretendente surge no primo estúpido da jovem — mas Júlia acaba mesmo é por fugir com seu grande amor, um anêmico. Os dois se escondem numa clínica de repouso, ou de loucos, vindo daí o título, onde também vão parar os demais personagens, mais um médico, com sua mulher e depois sua amante.

A comédia dos erros se instala, e, para tais personagens e uma trama assim, Brian Penido retira dos

atores uma interpretação, bastante adequada, de filme mudo — no que é auxiliado, informa o programa da peça, pela técnica circense de Alexandre Roit, um dos Parlapatores de "Sardanapalo".

Uma interpretação que é reforçada pela maquiagem e até por uma dublagem, em certo momento. Uma interpretação de tipos exagerados, comicamente grotescos, de vaudeville.

Assim, o amor anêmico de Júlia, Roberto, que não tem um intérprete dos mais seguros em Henrique Pessoa, torna-se um dos personagens mais engraçados em função do físico do ator e de sua postura, dos seus gestos, do seu andar.

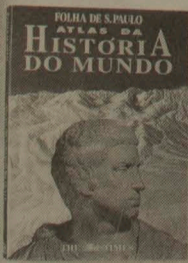
Os demais seguem uma linha

caricata muito semelhante, alguns com melhor aproveitamento do humor próprio de Artur Azevedo, de sua ironia com as palavras, como no caso de Luiz Santos Bacelli, que faz o comendador Manuel.

Um humor popular, no enredo e no verbo. Um humor de quem sabe fazer com que os personagens entrem e saiam, para a delícia dos atores e do público. Um humor que já quiseram sufocar, por aqui, felizmente sem sucesso.

Título: Casa de Orates
Elenco: Fabiana Vajman, Paulo Diardini, Márcia Dib e outros
Quando: terça, às 15h e 21h, quarta, às 18h30
Onde: Teatro Aliança Francesa (r. Gal. Jardim, 182, tel. 011/259-0086)
Quanto: R\$ 15

Não precisa fazer uma escavação arqueológica para conseguir os fascículos antigos do Atlas Histórico Folha - The Times.



Números atrasados do Atlas

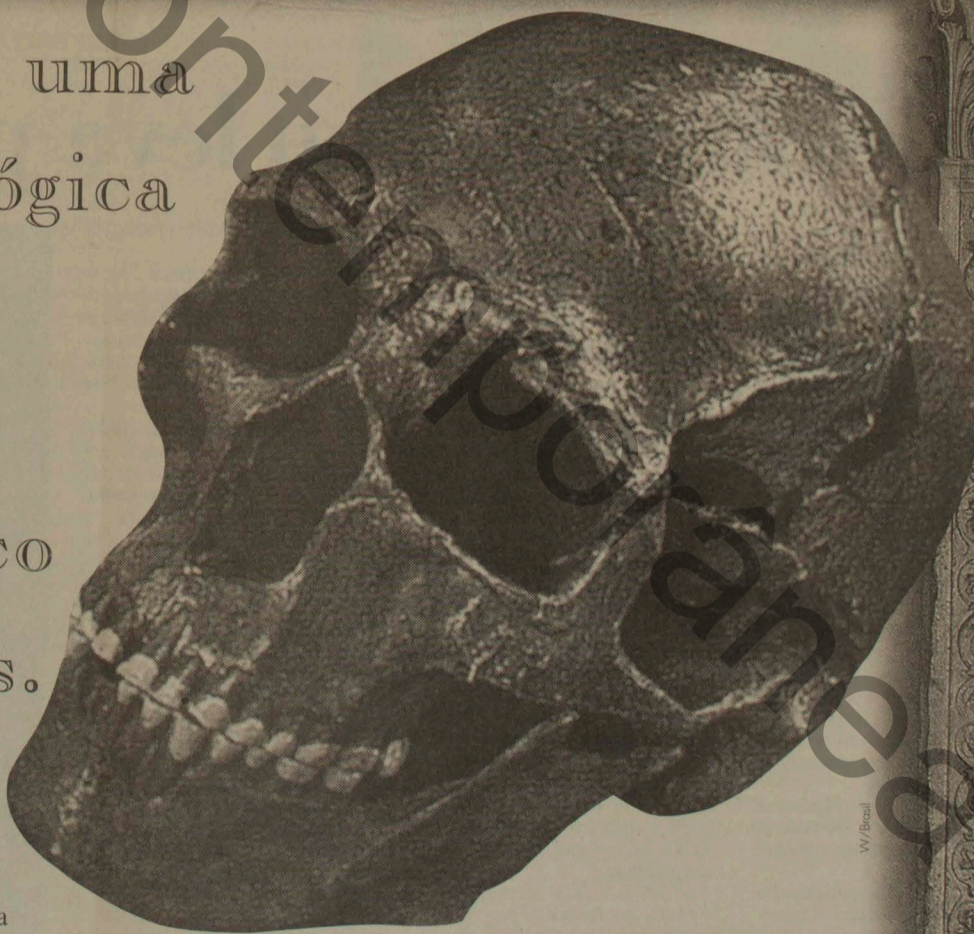
Histórico Folha - The Times

não são objetos raros da pré-história. Atendendo a

pedidos, a Folha de S. Paulo está colocando os fascículos anteriores à sua

disposição em todas as bancas da Grande São Paulo. Se você perdeu um ou outro fascículo, vá hoje mesmo até a banca mais próxima e complete sua coleção: custa apenas R\$ 1,30 cada exemplar. E vá logo. Porque, ao contrário da história humana, esta promoção vai durar bem menos que 10 mil anos.

Promoção por tempo limitado.



ATLAS HISTÓRICO
FOLHA - THE TIMES.

A história do mundo em 328 páginas.

Patrocínio:

GM

VARIG

FOLHA

O maior jornal do hemisfério